

PAPA FRANCISCO



CICLO DE CATEQUESES SOBRE O JUBILEU 2025

Editado por 



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIAS GERAIS DAS QUARTAS-FEIRAS

**Ciclo de Catequeses
sobre o Jubileu 2025.**

Fonte:
vatican.va

Quarta-feira, 18 de dezembro de 2024

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

I. A INFÂNCIA DE JESUS

1. Genealogia de Jesus (Mt 1,1-17). A entrada do Filho de Deus na história

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje começamos o ciclo de catequeses que decorrerá durante todo o Ano jubilar. O tema é “Jesus Cristo, nossa esperança”: com efeito, Ele é a meta da nossa peregrinação, e Ele mesmo é o caminho, a vereda a percorrer.

A primeira parte tratará da *infância de Jesus*, que nos é narrada pelos Evangelistas Mateus e Lucas (cf. *Mt* 1-2; *Lc* 1-2). Os *Evangelhos da infância* narram a concepção virginal de Jesus e o seu nascimento do seio de Maria; evocam as profecias messiânicas que n’Ele se cumprem e falam da paternidade legal de José, que enxerta o Filho de Deus no “tronco” da dinastia davídica. É-nos apresentado Jesus recém-nascido, menino e adolescente, submisso aos seus pais e, ao mesmo tempo, consciente de ser totalmente dedicado ao Pai e ao seu Reino. A diferença entre os dois Evangelistas é que, enquanto Lucas narra os acontecimentos com os olhos de Maria, Mateus fá-lo com os olhos de José, insistindo sobre uma paternidade deveras inédita.

Mateus começa o seu Evangelho e todo o cânone neotestamentário com a «genealogia de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão» (*Mt* 1, 1). Trata-se de uma lista de nomes já presente nas Escrituras hebraicas, para mostrar a verdade da história e a verdade da vida humana. Com efeito, «a genealogia do Senhor é constituída a partir da história verdadeira, onde se encontram nomes no mínimo problemáticos e se sublinha o pecado do rei David (cf. *Mt* 1, 6). Tudo, porém, conclui-se e floresce em Maria e em Cristo (cf. *Mt* 1, 16)» (*Carta sobre a renovação do estudo da história da Igreja*, 21 de novembro de 2024). Depois, manifesta-se a verdade da vida

humana que passa de geração em geração, confiando três elementos: um nome que encerra uma identidade e uma missão únicas; a pertença a uma família e a um povo; e, por último, a adesão de fé ao Deus de Israel.

A genealogia é um gênero literário, ou seja, uma forma adequada para transmitir uma mensagem muito importante: ninguém dá a vida a si mesmo, mas recebe-a como dom de outros; neste caso, trata-se do povo eleito, e quem herda o depósito da fé dos pais, transmitindo a vida aos filhos, confia-lhes também a fé em Deus.

No entanto, contrariamente às genealogias do Antigo Testamento, onde só aparecem nomes masculinos, porque em Israel é o pai que impõe o nome ao filho, na lista de Mateus entre os antepassados de Jesus aparecem também mulheres. Encontramos cinco: Tamar, a nora de Judá que, tendo ficado viúva, se finge prostituta para assegurar uma descendência ao seu marido (cf. *Gn* 38); Raab, a prostituta de Jericó, que permite aos exploradores judeus entrar na terra prometida e conquistá-la (cf. *Js* 2); Rute, a moabita que, no livro que tem o mesmo nome, permanece fiel à sogra, cuida dela e tornar-se-á a bisavó do rei David; Betsabé, com quem David comete adultério e, depois de ter mandado matar o marido, gera Salomão (cf. *2 Sm* 11); e finalmente Maria de Nazaré, esposa de José, da casa de David: dela nasce o Messias, Jesus.

As primeiras quatro mulheres estão unidas não por serem pecadoras, como às vezes se diz, mas por serem *estrangeiras* em relação ao povo de Israel. O que Mateus salienta é que, como escreveu Bento XVI, «através delas o mundo dos gentios entra... na genealogia de Jesus - torna-se visível a sua missão a favor de judeus e pagãos» (*A Infância de Jesus*, Milão-Cidade do Vaticano 2012, 15).

Enquanto as quatro mulheres precedentes são mencionadas ao lado do homem que delas nasceu ou de quem o gerou, Maria, ao contrário, adquire um destaque particular: marca *um novo início*, ela própria é um novo começo, pois na sua vicissitude já não é a criatura humana protagonista da geração, mas o próprio Deus. Isto vê-se bem no verbo «nasceu»: «Jacob gerou José, esposo de Maria, de quem nasceu Jesus, chamado Cristo» (*Mt* 1, 16). Jesus é filho de David, enxertado por José naquela dinastia e destinado a ser o *Messias de Israel*, mas é também filho de Abraão e de

mulheres estrangeiras, portanto destinado a ser a «*Luz dos gentios*» (cf. *Lc* 2, 32) e o «*Salvador do mundo*» (*Jo* 4, 42).

O Filho de Deus, consagrado ao Pai com a missão de revelar o seu rosto (cf. *Jo* 1, 18; *Jo* 14, 9), entra no mundo como todos os filhos do homem, a tal ponto que em Nazaré será chamado «filho de José» (*Jo* 6, 42), ou «filho do carpinteiro» (*Mt* 13, 55). Verdadeiro Deus e verdadeiro homem!

Irmãos e irmãs, despertemos em nós a memória grata em relação aos nossos antepassados. E, sobretudo, demos graças a Deus que, mediante a mãe Igreja, nos gerou para a vida eterna, a vida de Jesus, nossa esperança.

Quarta-feira, 22 de janeiro de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

I. A INFÂNCIA DE JESUS

2. O anúncio a Maria. A escuta e a disponibilidade (ver Lc 1,26-38)

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Retomemos hoje as catequese do ciclo jubilar sobre Jesus Cristo, nossa esperança.

No início do seu Evangelho, Lucas mostra os efeitos do poder transformador da Palavra de Deus, que chega não apenas aos átrios do Templo, mas também à pobre morada de uma jovem, Maria, que, noiva de José, ainda vive com a família.

Depois de Jerusalém, o mensageiro dos grandes anúncios divinos, Gabriel, que em seu nome celebra a força de Deus, é enviado a uma aldeia nunca mencionada na Bíblia hebraica: Nazaré. Naquela época, era um pequeno povoado da Galileia, na periferia de Israel, área de fronteira com os pagãos e com as suas contaminações.

É precisamente aí que o anjo leva uma mensagem com uma forma e um conteúdo totalmente inauditos, de tal modo que abala e perturba o coração de Maria. Em vez da clássica saudação “a paz esteja contigo”, Gabriel dirige-se à Virgem com o convite “*alegra-te!*”, “*rejubila!*”, um apelo caro à história sagrada, porque os profetas o utilizam quando anunciam a vinda do Messias (cf. *Sf* 3,14; *Gl* 2, 21-23; *Zc* 9, 9). É o convite à alegria que Deus dirige ao seu povo quando termina o exílio e o Senhor faz sentir a sua presença viva e ativa.

Além disso, Deus chama Maria com um nome de amor desconhecido na história bíblica: *kecharitoméne*, que significa «cheia da graça divina». Maria está cheia da graça divina. Este nome diz que o amor de Deus

habitou desde há tempos e continua a habitar no coração de Maria. Diz como ela é “graciosa” e, sobretudo, como a graça de Deus realizou nela um aperfeiçoamento interior, tornando-a a sua obra-prima: cheia de graça!

Esta alcunha amorosa, que Deus atribui só a Maria, é imediatamente acompanhada por uma garantia: “Não temas!”, “Não temas!”, a presença do Senhor concede-nos sempre esta graça de não temer e, por isso, diz a Maria: “Não temas!”. “Não temas”, diz Deus a Abraão, a Isaac, a Moisés na história: “Não temas!” (cf. *Gn* 15, 1; 26, 24; *Dt* 31, 8). E di-lo também a nós: “Não temais, ide. Não temais!”. “*Padre, tenho medo disto*”; “*E o que fazes, quando...*”; “*Perdão, Padre, digo-lhe a verdade: vou à cartomante...*”; “*Tu vais à cartomante?*”; “*Ah, sim: peço-lhe que me leia a mão...*”. Por favor, não tenhas medo! Não temas! Não tenhas medo! Isto é bom! “Eu sou o teu companheiro de viagem”: é isto que Deus diz a Maria. O «Todo-Poderoso», o Deus do «impossível» (*Lc* 1, 37) está *com* Maria, está ao seu lado, é o seu companheiro, o seu principal aliado, o eterno «Eu-contigo» (cf. *Gn* 28, 15; *Ex* 3, 12; *Jz* 6, 12).

Em seguida, Gabriel anuncia à Virgem a sua missão, fazendo ressoar no seu coração numerosas passagens bíblicas que se referem à realeza e à messianidade do menino que deverá nascer dela e que o menino será apresentado como o cumprimento das antigas profecias. A Palavra que vem do Alto chama Maria a ser a mãe do Messias, o Messias davídico tão esperado. É a mãe do Messias. Ele será rei não à maneira humana e carnal, mas no sentido divino e espiritual. O seu nome será “*Jesus*”, que significa “*Deus salva*” (cf. *Lc* 1, 31; *Mt* 1, 21), recordando a todos e para sempre que não é o homem que salva, mas só Deus. Jesus é Aquele que cumpre estas palavras do profeta Isaías: «Não foi um enviado nem um anjo, mas foi Ele mesmo que os salvou, com amor e compaixão» (*Is* 63, 9).

Esta maternidade abala Maria nos alicerces. E como *mulher inteligente* que é, ou seja, capaz de ler no íntimo dos acontecimentos (cf. *Lc* 2, 19.51), procura compreender, discernir o que acontece. Maria não procura fora, mas dentro, pois como ensina Santo Agostinho, «*in interiore homine habitat veritas*» (*De vera religione* 39, 72). E ali, no fundo do seu coração aberto, sensível, ouve o convite a confiar em Deus, que lhe preparou um “Pentecostes” especial. Tal como no início da Criação (cf. *Gn* 1, 2), Deus

quer “incubar” Maria com o seu Espírito, uma força capaz de abrir o que está fechado sem o violar, sem impedir a liberdade humana; quer envolvê-la na «nuvem» da sua presença (cf. *1 Cor* 10, 1-2), para que o Filho viva nela e ela n’Ele.

E Maria ilumina-se de confiança: é «uma lâmpada com muitas luzes», como diz Teófanos no seu *Cânone da Anunciação*. Abandona-se, obedece, abre espaço: é «uma sala nupcial feita por Deus» (*ibid.*). Maria recebe o Verbo na própria carne e empreende assim a maior missão jamais confiada a uma mulher, a uma criatura humana. Põe-se ao serviço: está cheia de tudo, não como escrava, mas como colaboradora de Deus Pai, cheia de dignidade e autoridade para administrar, como fará em Caná, os dons do tesouro divino, a fim de que muitos possam tirar dele com abundância.

Irmãs, irmãos, aprendamos de Maria, Mãe do Salvador e nossa Mãe, a deixar-nos abrir os ouvidos à Palavra divina e a acolhê-la e preservá-la, para que transforme o nosso coração em tabernáculo da sua presença, em casa hospitaleira onde fazer crescer a esperança. Obrigado!

Quarta-feira, 29 de janeiro de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

I. A INFÂNCIA DE JESUS

3. "Porás o nome de Jesus" (Mt 1,21). O anúncio a José

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje continuamos a contemplar Jesus no mistério das suas origens, narrado pelos Evangelhos da infância.

Enquanto Lucas nos permite fazê-lo na perspectiva da mãe, a Virgem Maria, Mateus, pelo contrário, coloca-se na perspectiva de José, o homem que assume a paternidade legal de Jesus, enxertando-o no tronco de Jessé e ligando-o à promessa feita a David.

Com efeito, Jesus é *a esperança de Israel que se cumpre*: é o descendente prometido a David (cf. 2 Sm 7, 12; 1 Cr 17, 11), que torna a sua casa «abençoada para sempre» (2 Sm 7, 29); é o rebento que brota do tronco de Jessé (cf. Is 11, 1), o «rebento justo», destinado a reinar como verdadeiro rei, que sabe exercer o direito e a justiça (cf. Jr 23, 5; 33, 15).

José entra em cena no Evangelho de Mateus como noivo de Maria. Para os judeus, o noivado era um verdadeiro vínculo jurídico, que preparava para o que haveria de acontecer cerca de um ano mais tarde, ou seja, a celebração do casamento. Era então que a mulher passava da guarda do pai para a do marido, transferindo-se para a sua casa e tornando-se disponível para o dom da maternidade.

É precisamente neste intervalo de tempo que José descobre a gravidez de Maria, e o seu amor é duramente posto à prova. Perante uma situação semelhante, que comportaria a interrupção do noivado, a Lei sugeria duas possíveis soluções: ou um ato jurídico de caráter público, como a

convocação da mulher ao tribunal, ou uma ação particular, como a entrega à mulher de uma carta de repúdio.

Mateus define José como um homem «justo» (*zaddiq*), um homem que vive segundo a Lei do Senhor, que se inspira nela em todas as ocasiões da sua vida. Portanto, seguindo a Palavra de Deus, José age com ponderação: não se deixa dominar por sentimentos instintivos, nem pelo medo de acolher Maria, mas prefere deixar-se guiar pela sabedoria divina. Prefere separar-se de Maria sem clamor, privadamente (cf. *Mt* 1, 19). E esta é a sabedoria de José, que lhe permite não se enganar, abrir-se e tornar-se dócil à voz do Senhor.

Deste modo, José de Nazaré traz à mente outro José, filho de Jacob, chamado «senhor dos sonhos» (cf. *Gn* 37, 19), tão amado pelo pai e tão odiado pelos irmãos, que Deus elevou, levando-o a fazer parte da corte do Faraó.

Pois bem, com o que sonha José de Nazaré? Sonha com o milagre que Deus realiza na vida de Maria, e também com o milagre que cumpre na sua própria vida: assumir uma paternidade capaz de conservar, proteger e transmitir uma herança material e espiritual. O ventre da sua esposa está grávido da promessa de Deus, promessa que tem um nome no qual a certeza da salvação é oferecida a todos (cf. *At* 4, 12).

Durante o sono, José ouve estas palavras: «José, filho de David, não tenhas medo de receber Maria como esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados» (*Mt* 1, 20-21). Perante esta revelação, José não pede mais provas, confia! José confia em Deus, aceita o sonho de Deus sobre a sua vida e a da sua noiva. Assim entra na graça de quem sabe viver a promessa divina com fé, esperança e amor.

Em tudo isto, José não pronuncia sequer uma palavra, mas crê, espera e ama. Não se expressa com “palavras ao vento”, mas com gestos concretos. Pertence à linhagem daqueles a quem o apóstolo Tiago chama os que «põem em prática a Palavra» (cf. *Tg* 1, 22), traduzindo-a em ações, em carne, em vida. José confia em Deus e obedece: «A sua vigilância interior

para Deus... torna-se espontaneamente obediência» (Bento XVI, *A infância de Jesus*, Milão-Cidade do Vaticano 2012, 57).

Irmãs, irmãos, peçamos também nós ao Senhor a graça de escutar mais do que falamos, a graça de sonhar os sonhos de Deus e de acolher responsabilmente Cristo que, a partir do momento do nosso batismo, vive e cresce na nossa vida. Obrigado!

Quarta-feira, 5 de fevereiro de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

I. A INFÂNCIA DE JESUS

4. "Bem-aventurada sois vós que acreditastes" (Lc 1, 45). A Visitação e o Magnificat

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje contemplamos a beleza de Jesus Cristo, nossa esperança, no mistério da Visitação. A Virgem Maria visita Santa Isabel; mas é sobretudo Jesus, no seio da mãe, que visita o seu povo (cf. *Lc 1, 68*), como diz Zacarias no seu hino de louvor.

Depois da admiração e maravilha por aquilo que lhe foi anunciado pelo Anjo, Maria levanta-se e põe-se a caminho, como todos os chamados da Bíblia, pois «o único ato com que o homem pode corresponder ao Deus que se revela é o da disponibilidade ilimitada» (H.U. von Balthasar, *Vocazione*, Roma 2002, 29). Esta jovem filha de Israel não decide proteger-se do mundo, não teme os perigos e os julgamentos alheios, mas vai ao encontro dos outros.

Quando alguém se sente amado, experimenta uma força que faz circular o amor; como diz o apóstolo Paulo, «o amor de Cristo constrange-nos» (2 *Cor 5, 14*), impele-nos, move-nos. Maria sente o impulso do amor e vai ajudar uma mulher que é sua parente, mas é também uma idosa que, depois de longa espera, acolhe uma gravidez inesperada, difícil de enfrentar na sua idade. Mas a Virgem vai ao encontro de Isabel também para partilhar a fé no Deus do impossível e a esperança no cumprimento das suas promessas.

O encontro entre as duas mulheres produz um impacto surpreendente: a voz da “cheia de graça” que saúda Isabel provoca a profecia no menino que a idosa traz no ventre e suscita nela uma dupla bênção: «Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre!» (*Lc 1, 42*). E

também uma bem-aventurança: «Bem-aventurada sois vós que acreditastes, porque se hão de cumprir as coisas que Senhor vos disse» (v. 45).

Perante o reconhecimento da identidade messiânica do seu Filho e da sua missão de mãe, Maria não fala de si mesma, mas de Deus, elevando um louvor cheio de fé, esperança e alegria, um cântico que ressoa todos os dias na Igreja durante a oração das Vésperas: o *Magnificat* (Lc 1, 46-55).

Este louvor a Deus salvador, que jorra do coração da sua humilde serva, é um memorial solene que resume e cumpre a prece de Israel. Está imbuído de ressonâncias bíblicas, sinal de que Maria não quer cantar “fora do coro”, mas sintonizar-se com os pais, exaltando a sua compaixão pelos humildes, os pequeninos que, na sua pregação, Jesus declarará «bem-aventurados» (cf. Mt 5, 1-12).

A presença maciça do motivo pascal faz do *Magnificat* também um cântico de redenção, que tem como pano de fundo a memória da libertação de Israel do Egito. Os verbos estão todos no passado, impregnados de uma memória de amor que acende o presente de fé e ilumina o futuro de esperança: Maria canta a graça do passado, mas é a mulher do presente que no seio traz o futuro.

A primeira parte deste cântico louva a ação de Deus em Maria, microcosmo do povo de Deus que adere plenamente à aliança (vv. 46-50); a segunda dilui-se na obra do Pai no macrocosmo da história dos seus filhos (vv. 51-55), mediante três palavras-chave: memória - misericórdia - promessa.

O Senhor, que se inclinou sobre a pequena Maria para nela fazer “grandes coisas” e para a tornar mãe do Senhor, começou a salvar o seu povo desde o êxodo, recordando-se da bênção universal prometida a Abraão (cf. Gn 12, 1-3). O Senhor, Deus fiel para sempre, fez fluir uma corrente ininterrupta de amor misericordioso, «de geração em geração» (v. 50) sobre o povo fiel à aliança, e agora manifesta a plenitude da salvação no seu Filho, enviado para salvar o povo dos seus pecados. De Abraão a Jesus Cristo e à comunidade dos crentes, a Páscoa aparece assim como a categoria hermenêutica para compreender todas as libertações posteriores, até à realizada pelo Messias na plenitude dos tempos.

Amados irmãos e irmãs, peçamos hoje ao Senhor a graça de saber esperar o cumprimento de todas as suas promessas; e de nos ajudar a acolher na nossa vida a presença de Maria. Colocando-nos na sua escola, todos nós podemos descobrir que cada alma que crê e espera «concebe e gera o Verbo de Deus» (Santo Ambrósio, *Exposição do Evangelho segundo Lucas* 2, 26).

Quarta-feira, 12 de fevereiro de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

I. A INFÂNCIA DE JESUS

5. "Hoje vos nasceu um Salvador, que é o Cristo Senhor" (Lc 2,11). O nascimento de Jesus e a visita dos pastores

Caríssimos irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso percurso jubilar de catequeses sobre Jesus, que é a nossa esperança, meditemos hoje sobre o acontecimento do seu nascimento em Belém.

O Filho de Deus entra na história, fazendo-se nosso companheiro de caminho, e começa a viajar quando ainda está no seio materno. O evangelista Lucas narra-nos que, assim que foi concebido, partiu de Nazaré para a casa de Zacarias e Isabel; e depois, quando a gravidez já terminou, de Nazaré rumo a Belém, para o recenseamento. Maria e José são obrigados a ir para a cidade do rei David, onde também José tinha nascido. O Messias há tanto esperado, o Filho do Deus altíssimo, deixa-se contabilizar, isto é, ser contado e recenseado, como qualquer cidadão. Submete-se ao decreto de um imperador, César Augusto, que se julga senhor de toda a terra.

Lucas insere o nascimento de Jesus num «tempo exatamente datável» e num «ambiente geográfico exatamente indicado», de tal modo que «o universal e o concreto se tocam» (Bento XVI, *A infância de Jesus*, 2012, 77). Deus, que entra na história, não desarticula as estruturas do mundo, mas quer iluminá-las e recriá-las a partir de dentro.

Belém significa «casa do pão». Foi ali que, para Maria, se cumpriram os dias do parto e foi ali que nasceu Jesus, pão descido do céu para saciar a fome do mundo (cf. *Jo* 6, 51). O anjo Gabriel tinha anunciado o nascimento do Rei messiânico no sinal da grandeza: «Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado

Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus dar-lhe-á o trono do seu pai David; reinará eternamente na casa de Jacob, e o seu reino não terá fim» (*Lc* 1, 32-33).

No entanto, Jesus nasce de modo totalmente inédito para um rei. Com efeito, «quando estavam naquele lugar, completaram-se para ela os dias do parto. Deu à luz o seu filho primogénito e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o numa manjedoura, pois para eles não havia lugar na hospedaria» (*Lc* 2, 6-7). O Filho de Deus não nasce num palácio real, mas na parte de trás de uma casa, no espaço onde estão os animais.

Assim, Lucas mostra-nos que Deus não vem ao mundo com proclamações retumbantes, não se manifesta no clamor, mas inicia o seu caminho na humildade. E quem são as primeiras testemunhas deste acontecimento? São alguns pastores: homens de pouca cultura, malcheirosos devido ao contacto constante com os animais, vivem à margem da sociedade. Contudo, eles exercem a profissão através da qual o próprio Deus se dá a conhecer ao seu povo (cf. *Gn* 48, 15; 49, 24; *Sl* 23, 1; 80, 2; *Is* 40, 11). Deus escolhe-os como destinatários da notícia mais bonita que jamais ressoou na história: «Não tenhais medo: eis que vos anuncio uma boa nova, que será alegria para todo o povo: hoje, na cidade de David, nasceu para vós um Salvador, que é Cristo Senhor. Este será o sinal para vós: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas e reclinado numa manjedoura» (*Lc* 2, 10-12).

O lugar para ir ao encontro do Messias é uma manjedoura. Com efeito, acontece que, depois de tanta espera, «para o Salvador do mundo, para Aquele por quem todas as coisas foram criadas (cf. *Cl* 1, 16), não há lugar» (Bento XVI, *A infância de Jesus*, 2012, 80). Assim, os pastores descobrem que, num lugar extremamente humilde, reservado aos animais, nasce para eles o Messias há tanto esperado, para ser o seu Salvador, o seu Pastor. Uma notícia que abre o seu coração à admiração, ao louvor e ao anúncio jubiloso. «Ao contrário de tanta gente ocupada a fazer muitas outras coisas, os pastores tornam-se as primeiras testemunhas do essencial, isto é, da salvação que nos é oferecida. São os mais humildes e os mais pobres que sabem acolher o acontecimento da Encarnação» (Carta apostólica *Admirabile signum*, 5).

Irmãos e irmãs, peçamos também nós a graça de ser, como os pastores, capazes de admiração e louvor diante de Deus, e capazes de preservar o que Ele nos confiou: os talentos, os carismas, a nossa vocação e as pessoas que coloca ao nosso lado. Peçamos ao Senhor para saber vislumbrar na debilidade a força extraordinária do Deus Menino, que vem para renovar o mundo e transformar a nossa vida com o seu desígnio cheio de esperança para toda a humanidade.

Quarta-feira, 19 de fevereiro de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

I. A INFÂNCIA DE JESUS

6. "Acharam o menino... prostrando-se diante dele, o adoraram" (Mt 2,11). A visita dos Magos ao Rei recém-nascido

Queridos irmãos e irmãs!

Nos Evangelhos da infância de Jesus há um episódio que é próprio da narrativa de Mateus: a *visita dos Magos*. Atraídos pelo aparecimento de uma estrela, que em muitas culturas é presságio do nascimento de pessoas excepcionais, alguns sábios partem do Oriente, sem saber exatamente o destino do seu peregrinar. São os Magos, pessoas que não pertencem ao povo da aliança. Na última vez falámos dos pastores de Belém, marginalizados na sociedade judaica por serem considerados “impuros”; hoje encontramos outra categoria, a dos estrangeiros, que chegam imediatamente para prestar homenagem ao Filho de Deus que entrou na história com uma realeza inteiramente nova. Por isso, os Evangelhos dizem-nos claramente que os pobres e os estrangeiros estão entre os primeiros a serem convidados para o encontro com o Deus que se fez menino, o Salvador do mundo.

Os Magos foram considerados como representantes tanto das raças primordiais, geradas pelos três filhos de Noé, como dos três continentes conhecidos na Antiguidade: Ásia, África e Europa, bem como das três fases da vida humana: juventude, maturidade e velhice. Para além de qualquer interpretação possível, são homens que não ficam parados mas que, como os grandes chamados da história bíblica, sentem o convite para se moverem, para partirem. São homens que sabem olhar para além de si mesmos, sabem olhar para o alto.

A atração da estrela que surge no céu põe-nos em marcha para a terra de Judá, para Jerusalém, onde encontram o rei Herodes. A ingenuidade e a

confiança com que pedem informações sobre o recém-nascido rei dos Judeus colide com a astúcia de Herodes, que, agitado pelo medo de perder o trono, procura imediatamente ver as coisas com clareza, contactando os escribas e pedindo-lhes que investiguem.

O poder do soberano terreno mostra assim toda a sua fraqueza. Os escribas conhecem as Escrituras e referem ao rei o lugar onde, segundo a profecia de Miqueias, nasceria o chefe e o pastor do povo de Israel (*Miq 5, 1*): a pequena Belém e não a grande Jerusalém! De facto, como recorda Paulo aos Coríntios, «o que é fraco segundo o mundo, é que Deus escolheu para confundir o que é forte» (*1 Cor 1, 27*).

No entanto, os escribas, que sabem exatamente o lugar onde nasceu o Messias, mostram o caminho aos outros, mas eles próprios não se movem! De facto, não basta conhecer os textos proféticos para entrar em sintonia com as frequências divinas, é preciso deixar-se escavar e permitir que a Palavra de Deus anime o anseio de procurar, acenda o desejo de ver Deus.

Neste momento, Herodes, em segredo, como fazem os enganadores e os violentos, pergunta aos Magos o momento exato do aparecimento da estrela e incita-os a prosseguir a viagem e a voltar para lhe dar notícias, para que ele também possa ir adorar o recém-nascido. Para aqueles que estão agarrados ao poder, Jesus não é uma esperança a acolher, mas uma ameaça a eliminar!

Quando os Magos partem, a estrela reaparece e leva-os até Jesus, sinal de que a criação e a palavra profética representam o alfabeto com que Deus fala e se deixa encontrar. A visão da estrela suscita naqueles homens uma alegria irreprimível, porque o Espírito Santo, que move o coração de quem procura sinceramente Deus, enche-o também de alegria. Ao entrarem na casa, os Magos prostram-se, adoram Jesus e oferecem-lhe presentes preciosos, dignos de um rei, dignos de Deus. Porquê? O que veem? Um autor antigo escreve: veem «um humilde corpinho que o Verbo assumiu; mas a glória da divindade não lhes é oculta. Veem uma criança, mas adoram Deus» (Cromazio di Aquileia, *Comentário ao Evangelho de Mateus 5, 1*). Os Magos tornam-se assim os primeiros crentes entre todos os pagãos, a imagem da Igreja reunida de todas as línguas e nações.

Queridos irmãos e irmãs, coloquemo-nos também nós na escola dos Magos, destes “peregrinos de esperança” que, com grande coragem, dirigiram os seus passos, o seu coração e os seus bens para Aquele que é a esperança não só de Israel mas de todos os povos. Aprendamos a adorar Deus na sua pequenez, na sua realeza que não esmaga, mas que torna livres e capazes de servir com dignidade. E ofereçamos-lhe os presentes mais preciosos, para exprimir a nossa fé e o nosso amor.

Quarta-feira, 26 de fevereiro de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

I. A INFÂNCIA DE JESUS

7. "Os meus olhos viram a vossa salvação" (Lc 2,30). A Apresentação de Jesus no Templo

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje contemplemos a beleza de «Jesus Cristo, nossa esperança» (1 Tm 1, 1) no mistério da sua apresentação no Templo.

Nas *narrações da infância de Jesus*, o evangelista Lucas mostra-nos a obediência de Maria e José à Lei do Senhor e a todas as suas prescrições. Na realidade, em Israel não havia a obrigação de apresentar o menino no Templo, mas quem vivia à escuta da Palavra do Senhor e desejava conformar-se com ela, considerava-a uma prática preciosa. Assim fez Ana, mãe do profeta Samuel, que era estéril; Deus ouviu a sua prece e ela, tendo tido o seu filho, levou-o ao Templo e ofereceu-o ao Senhor para sempre (cf. 1 Sm 1, 24-28).

Portanto, Lucas narra o primeiro ato de culto de Jesus, celebrado na cidade santa, Jerusalém, que será a meta de todo o seu ministério itinerante, a partir do momento em que tomará a firme decisão de se dirigir para lá (cf. Lc 9, 51), indo ao encontro do cumprimento da sua missão.

Maria e José não se limitam a enxertar Jesus numa história de família, de povo, de aliança com o Senhor Deus. Eles ocupam-se da sua guarda e do seu crescimento, introduzindo-o no ambiente da fé e do culto. E eles próprios crescem gradualmente na compreensão de uma vocação que os supera em grande medida.

No Templo, que é «casa de oração» (Lc 19, 46), o Espírito Santo fala ao coração de um ancião: Simeão, membro do povo santo de Deus, preparado

na expectativa e na esperança, que alimenta o desejo do cumprimento das promessas feitas por Deus a Israel através dos profetas. Simeão sente no Templo a presença do Ungido do Senhor, vê a luz que resplandece no meio dos povos mergulhados «nas trevas» (cf. *Is 9, 1*) e vai ao encontro daquele menino que, como profetiza Isaías, «nasceu para nós», é o filho que «nos foi dado», o «Príncipe da paz» (*Is 9, 5*). Simeão abraça aquele menino que, pequenino e indefeso, repousa nos seus braços; mas na realidade é ele que encontra a consolação e a plenitude da sua existência, abraçando-o. Exprime-o num cântico cheio de comovida gratidão, que na Igreja se tornou a oração do fim do dia:

«Agora, Senhor, deixai o vosso servo
ir em paz, segundo a vossa palavra,
porque os meus olhos viram a vossa salvação
que preparastes diante de todos os povos:
como luz para iluminar as nações
e para a glória do vosso povo de Israel» (*Lc 2, 29-32*).

Simeão canta a alegria de quem viu, de quem reconheceu e pode transmitir a outros o encontro com o Salvador de Israel e das nações. É testemunha da fé, que recebe como dom e comunica aos outros; é testemunha da esperança que não desilude; é testemunha do amor de Deus, que enche o coração do homem de alegria e paz. Repleto desta consolação espiritual, o idoso Simeão vê a morte não como fim, mas como cumprimento e plenitude, espera-a como “irmã” que não aniquila, mas introduz na verdadeira vida que ele já anteviu e na qual acredita.

Naquele dia, Simeão não é o único que vê a salvação que se fez carne no menino Jesus. O mesmo acontece com Ana, mulher com mais de oitenta anos, viúva, totalmente dedicada ao serviço no Templo e consagrada à oração. Com efeito, ao ver o menino Ana celebra o Deus de Israel, que redimiu o seu povo precisamente naquele menino, e conta-o aos outros, propagando generosamente a palavra profética. Assim, o cântico da redenção de dois anciãos liberta o anúncio do Jubileu para todo o povo e para o mundo. No Templo de Jerusalém reacende-se a esperança no coração, porque nele entrou Cristo, nossa esperança!

Amados irmãos e irmãs, imitemos também nós Simeão e Ana, “peregrinos de esperança” que têm olhos límpidos capazes de ver além das aparências, que sabem “farejar” a presença de Deus na pequenez, que conseguem receber com alegria a visita de Deus e reacender a esperança no coração dos irmãos e irmãs.

Quarta-feira, 5 de março de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

I. A INFÂNCIA DE JESUS

8. "Meu filho, por que nos fizeste isto?" (Lc 2,49). O encontro de Jesus no Templo

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Nesta última catequese dedicada à infância de Jesus, inspiremo-nos no episódio em que, aos doze anos, Ele permaneceu no Templo sem avisar os pais, que o procuraram ansiosamente e o encontraram depois de três dias. Esta narração apresenta-nos um diálogo muito interessante entre Maria e Jesus, que nos ajuda a refletir sobre o *caminho da mãe de Jesus*, um percurso que certamente não foi fácil. Com efeito, Maria percorreu um itinerário espiritual ao longo do qual progrediu na compreensão do mistério do seu Filho.

Repensemos nas várias etapas deste percurso. No início da sua gravidez, Maria visita Isabel e permanece com ela durante três meses, até ao nascimento do pequeno João. Depois, quando já está no nono mês, por causa do recenseamento, vai com José a Belém, onde dá à luz Jesus. Após quarenta dias, vão a Jerusalém para a apresentação do menino; e depois, todos os anos, regressam em peregrinação ao Templo. Mas com Jesus ainda pequenino, refugiaram-se durante muito tempo no Egito para o proteger de Herodes e só após a morte do rei voltaram a estabelecer-se em Nazaré. Quando Jesus, já adulto, inicia o seu ministério, Maria está presente e é protagonista nas bodas de Caná; sucessivamente, segue-o “à distância”, até à última viagem a Jerusalém, até à paixão e morte. Depois da Ressurreição, Maria permanece em Jerusalém como Mãe dos discípulos, sustentando a sua fé à espera da efusão do Espírito Santo.

Ao longo de todo este caminho, a Virgem é *peregrina de esperança*, no sentido forte que se torna “filha do seu Filho”, sua primeira discípula. Maria

trouxe ao mundo Jesus, Esperança da humanidade: alimentou-o, fê-lo crescer, seguiu-o, deixando-se plasmar primeiro pela Palavra de Deus. Nela - como disse Bento XVI - Maria «sente-se verdadeiramente em casa, dela sai e a ela volta com naturalidade. Fala e pensa com a Palavra de Deus [...] fica assim patente que os seus pensamentos estão em sintonia com os de Deus, que a sua vontade está unida à de Deus. Vivendo intimamente permeada pela Palavra de Deus, Ela pôde tornar-se mãe da Palavra encarnada» (Encíclica *Deus caritas est*, 41). No entanto, esta comunhão singular com a Palavra de Deus não a poupa ao esforço de uma “aprendizagem” exigente.

A experiência da perda de Jesus aos doze anos, durante a peregrinação anual a Jerusalém, assusta Maria a tal ponto que se faz porta-voz até de José, repreendendo o filho: «Meu filho, por que nos fizeste isto? Eis que o teu pai e eu te procurávamos, cheios de aflição» (Lc 2, 48). Maria e José sentiram a dor dos pais que perdem um filho: ambos acreditavam que Jesus estava na caravana dos parentes, mas não o tendo visto durante um dia inteiro, começam a busca que os levará a fazer a viagem de regresso. Quando voltam ao Templo, descobrem que Aquele que aos seus olhos, até há pouco tempo, era um menino a proteger, cresceu como que repentinamente e já era capaz de participar em debates sobre as Escrituras e de enfrentar os mestres da Lei.

À repreensão da mãe, Jesus responde com uma simplicidade desarmante: «Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas do meu Pai?» (Lc 2, 49). Maria e José não compreendem: o mistério do Deus que se fez menino supera a sua inteligência. Os pais querem proteger aquele filho preciosíssimo sob as asas do seu amor; Jesus, pelo contrário, quer viver a sua vocação de Filho do Pai que está ao seu serviço e vive mergulhado na sua Palavra.

Assim, as *Narrações da Infância* de Lucas encerram-se com as últimas palavras de Maria, que recordam a paternidade de José em relação a Jesus, e com as primeiras palavras de Jesus, que reconhecem como esta paternidade tem origem na do seu Pai celeste, de quem reconhece o primado inquestionável.

Prezados irmãos e irmãs, como Maria e José, cheios de esperança, sigamos também nós os passos do Senhor, que não se deixa limitar pelos nossos esquemas, fazendo-se encontrar não tanto num lugar, mas na resposta de amor à terna paternidade divina, resposta de amor que é a vida filial.

Quarta-feira, 19 de março de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

II. A VIDA DE JESUS. OS ENCONTROS

1. Nicodemos. «Tendes de nascer de novo» (Jo 3, 7b)

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Com esta catequese, começamos a contemplar alguns encontros narrados nos Evangelhos, para compreender o modo como Jesus dá esperança. De facto, há encontros que iluminam a vida e trazem esperança. Pode acontecer, por exemplo, que alguém nos ajude a ver de uma perspectiva diferente uma dificuldade ou um problema que estamos a viver; ou pode acontecer que alguém simplesmente nos dê uma palavra que não nos faça sentir sozinhos na dor que estamos a atravessar. Por vezes, também pode haver encontros silenciosos, em que nada é dito, mas esses momentos ajudam-nos a retomar o caminho.

O primeiro encontro sobre o qual gostaria de me deter é o de Jesus com Nicodemos, narrado no capítulo 3 do Evangelho de João. Começo por este episódio porque Nicodemos é um homem cuja história mostra que é possível sair das trevas e encontrar a coragem de seguir Cristo.

Nicodemos vai ter com Jesus à noite: uma hora invulgar para um encontro. Na linguagem de João, as referências temporais têm muitas vezes um valor simbólico: aqui, a noite é provavelmente o que está no coração de Nicodemos. É um homem na escuridão da dúvida, naquela escuridão que experimentamos quando já não compreendemos o que está a acontecer na nossa vida e não vemos claramente o caminho a seguir.

Se estamos nas trevas, é claro que procuramos a luz. E João, no início do seu Evangelho, escreve assim: «Veio ao mundo a luz verdadeira, que a todo o homem ilumina» (1, 9). Nicodemos procura, pois, Jesus porque pressente que Ele pode iluminar as trevas do seu coração.

No entanto, o Evangelho diz-nos que Nicodemos não consegue compreender imediatamente o que Jesus lhe diz. Assim, vemos que há muitos desentendimentos neste diálogo, e também muita ironia, que é uma característica do evangelista João. Nicodemos não compreende o que Jesus lhe diz, porque continua a pensar com a sua lógica e as suas categorias. É um homem com uma personalidade bem definida, desempenha um papel público, é um dos chefes dos judeus. Mas, provavelmente, as contas já não batem certo para ele. Nicodemos sente que algo já não está a funcionar na sua vida. Sente a necessidade de mudar, mas não sabe por onde começar.

Isto acontece-nos a todos em algum momento da nossa vida. Se não aceitarmos a mudança, se nos fecharmos na nossa rigidez, nos nossos hábitos ou formas de pensar, corremos o risco de morrer. A vida está na capacidade de mudar para encontrar uma nova forma de amar. De facto, Jesus fala a Nicodemos de um novo nascimento, que não só é possível, mas é até necessário em certos momentos do nosso caminho. Na verdade, a expressão usada no texto já é ambivalente em si mesma, porque *anōthen* (ἄνωθεν) pode ser traduzida tanto por “do alto” como por “de novo”. Lentamente, Nicodemos compreenderá que estes dois significados estão interligados: se permitirmos que o Espírito Santo gere uma nova vida em nós, nasceremos de novo. Reencontraremos essa vida, que talvez estivesse a desaparecer em nós.

Escolhi começar por Nicodemos também porque ele é um homem que, com a sua própria vida, mostra que esta mudança é possível. Nicodemos triunfará: no final, estará entre aqueles que vão a Pilatos pedir o corpo de Jesus (cf. *Jo* 19, 39)! Nicodemos finalmente *veio para a luz*, renasceu e já não precisa de estar na noite.

Por vezes, as mudanças assustam-nos. Por um lado, atraem-nos, certas vezes desejamo-las, mas, por outro lado, preferimos permanecer na nossa zona de conforto. É por isso que o Espírito nos encoraja a enfrentar esses medos. Jesus recorda a Nicodemos - que é mestre em Israel - que os israelitas também tinham medo quando caminhavam no deserto. E fixaram-se tanto nas suas preocupações que, a certa altura, esses medos tomaram a forma de serpentes venenosas (cf. *Nm* 21, 4-9). Para serem libertados, tinham de olhar para a serpente de cobre que Moisés tinha colocado num

poste, ou seja, tinham de olhar para cima e ficar diante do objeto que representava os seus medos. Só olhando para o rosto daquilo que nos assusta é que podemos começar a ser libertados.

Nicodemos, como todos nós, pode olhar para o Crucificado, Aquele que venceu a morte, a raiz de todos os nossos medos. Levantemos também nós o nosso olhar para Aquele que eles trespassaram, deixemo-nos também nós descobrir por Jesus. Nele encontramos a esperança de enfrentar as mudanças da nossa vida e nascer de novo.

Quarta-feira, 26 de março de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

II. A VIDA DE JESUS. OS ENCONTROS

2. A Samaritana «Dá-me de beber!» (Jo 4, 5-26)

Prezados irmãos e irmãs!

Depois de termos meditado sobre o encontro de Jesus com Nicodemos, que tinha ido à procura de Jesus, hoje refletimos sobre aqueles momentos em que parece que Ele estava à nossa espera precisamente ali, naquela encruzilhada da nossa vida. São encontros que nos surpreendem e, no início, talvez até fiquemos um pouco desconfiados: procuramos ser prudentes e compreender o que se passa.

Provavelmente, foi também a experiência da samaritana, mencionada no capítulo quarto do Evangelho de João (cf. 4, 5-26). Ela não esperava encontrar um homem perto do poço ao meio-dia, aliás, não esperava encontrar ninguém. Com efeito, ela vai buscar água ao poço a uma hora inusual, quando está muito calor. Talvez esta mulher se envergonhe da sua vida, talvez se tenha sentido julgada, condenada, incompreendida, e por isso se tenha isolado, rompendo relações com todos.

Para ir da Judeia até à Galileia, Jesus poderia ter escolhido outro caminho, sem atravessar a Samaria. Teria sido até mais seguro, dadas as relações tensas entre judeus e samaritanos. Ao contrário, Ele quer passar por ali e detém-se diante daquele poço, naquela mesma hora! Jesus está à nossa espera e deixa-se encontrar precisamente quando pensamos que já não há esperança para nós. No antigo Médio Oriente o poço é um lugar de encontro, onde às vezes se arranjam casamentos, é um lugar de noivado. Jesus quer ajudar esta mulher a compreender onde procurar a verdadeira resposta ao seu desejo de ser amada.

O tema do desejo é fundamental para entender este encontro. Jesus é o primeiro a manifestar o seu desejo: «Dá-me de beber!» (v. 10). Para encetar um diálogo, Jesus faz-se ver frágil, para pôr a outra pessoa à vontade, a fim de que não se assuste. A sede é muitas vezes, até na Bíblia, a imagem do desejo. Mas aqui Jesus tem sede sobretudo da salvação daquela mulher. «Aquele que pede de beber, diz Santo Agostinho, tinha sede da fé dessa mulher» (*Homilia* 15, 11).

Se Nicodemos fora ao encontro de Jesus à noite, aqui Jesus encontra a samaritana ao meio-dia, no momento em que há mais luz. Com efeito, é um momento de revelação. Jesus dá-se a conhecer a ela como o Messias e, além disso, ilumina a sua vida. Ajuda-a a reler de modo novo a sua história, que é complicada e dolorosa: teve cinco maridos e agora está com um sexto, que não é seu marido. O número seis não é casual, mas geralmente indica imperfeição. Talvez seja uma alusão ao sétimo esposo, aquele que finalmente poderá saciar o desejo desta mulher de ser verdadeiramente amada. E aquele esposo só pode ser Jesus.

Quando se dá conta de que Jesus conhece a sua vida, a mulher desvia a conversa para a questão religiosa, que dividia judeus e samaritanos. Isto acontece-nos às vezes também quando rezamos: no momento em que Deus toca a nossa vida com os seus problemas, às vezes perdemo-nos em reflexões que nos dão a ilusão de uma oração bem-sucedida. Na realidade, erguemos barreiras de proteção. No entanto, o Senhor é sempre maior, e àquela samaritana, a quem segundo os esquemas culturais nem sequer lhe deveria ter dirigido a palavra, oferece a mais excelsa revelação: fala-lhe do Pai, que deve ser adorado em espírito e verdade. E quando ela, mais uma vez surpreendida, observa que sobre estas coisas é melhor esperar o Messias, Ele diz-lhe: «Sou eu, aquele que fala contigo» (v. 26). É como uma declaração de amor: Aquele que esperas sou eu; Aquele que pode finalmente responder ao teu desejo de ser amada.

Naquele momento, a mulher corre para chamar os habitantes do povoado, pois é precisamente da experiência de se sentir amado que nasce a missão. E que anúncio poderia ela trazer, a não ser a sua experiência de ser compreendida, acolhida, perdoada? Trata-se de uma imagem que nos deveria fazer refletir sobre a nossa procura de novas formas de evangelizar.

Tal como uma pessoa apaixonada, a samaritana esquece a sua ânfora aos pés de Jesus. O peso da ânfora sobre a sua cabeça, cada vez que regressava a casa, recordava-lhe a sua condição, a sua vida atribulada. Mas agora a ânfora é colocada aos pés de Jesus. O passado já não é um fardo; ela está reconciliada. E é assim também em relação a nós: para ir anunciar o Evangelho, primeiro é preciso depositar o peso da nossa história aos pés do Senhor, entregar-lhe o fardo do nosso passado. Só pessoas reconciliadas podem anunciar o Evangelho.

Caros irmãos e irmãs, não percamos a esperança! Ainda que a nossa história nos pareça pesada, complicada, talvez até arruinada, temos sempre a possibilidade de a confiar a Deus e de recomeçar o nosso caminho. Deus é misericórdia e está sempre à nossa espera!

Quarta-feira, 2 de abril de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

II. A VIDA DE JESUS. OS ENCONTROS

3. Zaqueu «Hoje tenho de ficar em tua casa!» (Lc 19, 5)

Amados irmãos e irmãs!

Continuemos a contemplar os encontros de Jesus com alguns personagens do Evangelho. Desta vez, gostaria de meditar sobre a figura de Zaqueu: um episódio que me é particularmente caro, porque ocupa um lugar especial no meu caminho espiritual.

O Evangelho de Lucas apresenta-nos Zaqueu como alguém que parece irremediavelmente perdido. Talvez também nós nos sintamos às vezes assim: sem esperança. Zaqueu, pelo contrário, descobrirá que o Senhor já estava à sua procura.

Com efeito, Jesus desceu a Jericó, cidade situada abaixo do nível do mar, considerada uma imagem do submundo, onde Jesus quer ir procurar aqueles que se sentem perdidos. E, na realidade, o Senhor Ressuscitado continua a descer aos submundos de hoje, aos lugares de guerra, à dor dos inocentes, ao coração das mães que veem morrer os seus filhos, à fome dos pobres.

Num certo sentido, Zaqueu perdeu-se, talvez tenha feito escolhas equivocadas ou a vida o tenha colocado em situações das quais tem dificuldade de sair. Efetivamente, Lucas insiste em descrever as características deste homem: não só é um publicano, ou seja, alguém que cobra os impostos dos seus concidadãos para os invasores romanos, mas é inclusive o chefe dos publicanos, como se dissesse que o seu pecado é multiplicado.

Além disso, Lucas acrescenta que Zaqueu é rico, deixando intuir que enriqueceu à custa dos outros, abusando da sua posição. Mas tudo isto tem consequências: provavelmente Zaqueu sente-se excluído, desprezado por todos.

Quando descobre que Jesus está de passagem pela cidade, Zaqueu sente o desejo de o ver. Não ousa imaginar um encontro, limita-se a fitá-lo de longe. Mas os nossos desejos encontram também obstáculos, não se realizam automaticamente: Zaqueu é de baixa estatura! É a nossa realidade, temos limitações que devemos enfrentar. E depois há os outros, que às vezes não nos ajudam: a multidão impede que Zaqueu veja Jesus. Talvez seja também um pouco a desforra deles.

Mas quando temos um desejo forte, não desanimamos. Encontramos uma solução. Mas é preciso ser corajoso, não ter vergonha; é necessário ter um pouco da simplicidade das crianças, não se preocupar demasiado com a própria imagem. Precisamente como uma criança, Zaqueu sobe a uma árvore. Deve ter sido um bom ponto de observação, sobretudo para olhar sem ser visto, escondido por detrás dos ramos.

Mas com o Senhor acontece sempre o inesperado: quando se aproxima, Jesus eleva o olhar. Zaqueu sente-se descoberto e provavelmente espera uma repreensão pública. O povo talvez o esperasse, mas fica desiludido: Jesus pede a Zaqueu que desça imediatamente, quase surpreendido por o ver na árvore, e diz-lhe: «Hoje tenho de ficar em tua casa!» (*Lc 19, 5*). Deus não pode passar sem procurar quantos se perderam.

Lucas põe em evidência a alegria do coração de Zaqueu. É a alegria de quem se sente visto, reconhecido e, sobretudo, perdoado. O olhar de Jesus não é de repreensão, mas de misericórdia. É a misericórdia que, às vezes, temos dificuldade de aceitar, principalmente quando Deus perdoa àqueles que, na nossa opinião, não o merecem. Murmuramos porque gostaríamos de pôr limites ao amor de Deus.

Na cena em casa, depois de ouvir as palavras de perdão de Jesus, Zaqueu levanta-se, como se ressuscitasse da sua condição de morte. E levanta-se para assumir um compromisso: devolver o quádruplo do que roubou. Não se trata de um preço a pagar, pois o perdão de Deus é gratuito,

mas trata-se do desejo de imitar Aquele pelo qual se sentiu amado. Zaqueu assume um compromisso a que não estava obrigado, mas fá-lo porque compreende que é o seu modo de amar. E fá-lo unindo a legislação romana relativa ao roubo à legislação rabínica sobre a penitência. Assim, Zaqueu não é apenas o homem do desejo, é também alguém que sabe dar passos concretos. O seu propósito não é genérico nem abstrato, mas nasce precisamente da sua história: olhou para a sua vida e identificou o ponto a partir do qual dar início à sua mudança.

Caros irmãos e irmãs, aprendamos com Zaqueu a não perder a esperança, nem sequer quando nos sentimos rejeitados ou incapazes de mudar. Cultivemos o nosso desejo de ver Jesus e, sobretudo, deixemo-nos encontrar pela misericórdia de Deus, que vem sempre à nossa procura, independentemente da situação em que nos perdemos.

Quarta-feira, 9 de abril de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

II. A VIDA DE JESUS. OS ENCONTROS

4. O homem rico. Jesus fitou nele o olhar (Mc 10, 21)

Queridos irmãos e irmãs!

Hoje debruçamo-nos sobre um outro dos encontros de Jesus narrados pelos Evangelhos. Mas desta vez a pessoa encontrada não tem nome. O evangelista Marcos apresenta-o simplesmente como «um homem» (10, 17). Trata-se de um homem que desde jovem guardou os mandamentos, mas que, apesar disso, ainda não encontrou o sentido da sua vida. Está à sua procura. Talvez seja alguém que não se tenha decidido totalmente, apesar da aparência de pessoa empenhada. Para além, de facto, das coisas que fazemos, dos sacrifícios ou dos sucessos, o que conta realmente para ser feliz é o que trazemos no coração. Se um navio deve levantar âncora e deixar o porto para navegar em alto mar, pode até ser um navio maravilhoso, com uma tripulação excepcional, mas se não puxa os lastros e as âncoras que o prendem, nunca conseguirá partir. Este homem construiu para si um navio de luxo, mas ficou no porto!

Enquanto Jesus caminha pela estrada, este homem corre ao seu encontro, ajoelha-se diante Dele e pergunta-lhe: «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?» (v. 17). Reparemos nos verbos: “que devo fazer para alcançar a vida eterna”. Como a observância da Lei não lhe deu a felicidade e a segurança de ser salvo, dirige-se ao mestre Jesus. O que chama a atenção é o facto de este homem não conhecer o vocabulário da gratuidade! Tudo parece devido. Tudo é um dever. A vida eterna é para ele uma herança, algo que se obtém por direito, através da observância meticulosa dos compromissos. Mas numa vida vivida assim, ainda que certamente para o bem, que lugar pode ter o amor?

Como sempre, Jesus vai para além das aparências. Se por um lado este homem coloca diante de Jesus o seu belo currículo, Jesus vai mais longe e olha para dentro. O verbo que Marcos utiliza é muito significativo: «fitando nele o olhar» (v. 21). Precisamente porque Jesus olha para dentro de cada um de nós, ama-nos tal como somos. O que terá visto de facto dentro desta pessoa? O que vê Jesus quando olha para dentro de nós e nos ama, apesar das nossas distrações e dos nossos pecados? Vê a nossa fragilidade, mas também o nosso desejo de sermos amados tal como somos.

Fitando-o - diz o Evangelho - «*sentiu afeição por ele*» (v. 21). Jesus ama este homem ainda antes de lhe ter feito o convite para o seguir. Ama-o tal como ele é. O amor de Jesus é gratuito: exatamente o contrário da lógica do mérito que atormentava esta pessoa. Somos verdadeiramente felizes quando nos damos conta de que somos amados assim, gratuitamente, pela graça. E isto vale também nas relações entre nós: enquanto procurarmos comprar o amor ou mendigar o afeto, essas relações nunca nos farão sentir felizes.

A proposta que Jesus faz a este homem é a de mudar a sua maneira de viver e de se relacionar com Deus. De facto Jesus reconhece que dentro dele, como em todos nós, existe uma carência. É o desejo que trazemos no coração de sermos amados. Há uma ferida que nos pertence enquanto seres humanos, a ferida através da qual o amor pode passar.

Para colmar esta carência não é preciso “comprar” reconhecimentos, afeto, consideração; é preciso, pelo contrário, “vender” tudo aquilo que nos torna pesados, para que o nosso coração seja mais livre. Não é necessário continuar a tomar para nós, mas sim dar aos pobres, colocar à disposição, partilhar.

Por fim Jesus convida este homem a não ficar sozinho. Convida-o a segui-lo, a estar dentro de um laço, a viver uma relação. Só assim, efetivamente, será possível sair do anonimato. Podemos apenas ouvir o nosso nome dentro de uma relação, na qual alguém nos chama. Se permanecermos sozinhos, nunca ouviremos pronunciar o nosso nome e continuaremos a ser “*homens*”, anónimos. Talvez hoje, precisamente porque vivemos numa cultura da autossuficiência e do individualismo, nos

descobrimos mais infelizes, porque já não ouvimos pronunciar o nosso nome por alguém que nos quer bem gratuitamente.

Este homem não acolhe o convite de Jesus e fica sozinho, porque os lastros da sua vida o retêm no porto. A tristeza é o sinal de que não conseguiu partir. Por vezes pensamos que sejam riquezas e no entanto são apenas pesos que nos estão a bloquear. A esperança é que esta pessoa, como cada um de nós, mais cedo ou mais tarde possa mudar e decidir de se fazer ao largo.

Irmãs e irmãos, confiemos ao Coração de Jesus todas as pessoas tristes e indecisas, para que possam sentir o olhar de amor do Senhor, que se comove olhando com ternura para dentro de nós.

Quarta-feira, 16 de abril de 2025

Ciclo – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança.

II. A VIDA DE JESUS. AS PARÁBOLAS

5. O Pai misericordioso. Estava perdido e foi encontrado (Lc 15,32)

Estimados irmãos e irmãs!

Depois de ter meditado sobre os encontros de Jesus com alguns personagens do Evangelho, a partir desta catequese gostaria de refletir sobre algumas parábolas. Como sabemos, são narrações que retomam imagens e situações da realidade diária. Por isso, tocam também a nossa vida. Provocam-nos! E pedem-nos que tomemos uma posição: onde estou eu nesta narração?

Começemos pela parábola mais famosa, que todos nós lembramos, talvez desde a infância: a parábola do pai e dos dois filhos (*Lc 15, 1-3.11-32*). Nela encontramos o coração do Evangelho de Jesus, ou seja, a misericórdia de Deus.

O evangelista Lucas diz que Jesus conta esta parábola aos fariseus e escribas, que murmuravam porque Ele comia com os pecadores. Por isso, poder-se-ia dizer que se trata de uma parábola dirigida àqueles que se perderam, mas não o sabem e julgam os outros.

O Evangelho quer confiar-nos uma mensagem de esperança, porque nos diz que onde quer que nos tenhamos perdido, seja como for que nos tenhamos perdido, Deus vem sempre à nossa procura! Talvez nos tenhamos perdido como uma ovelha, que se desviou do caminho para pastar, ou que ficou para trás devido ao cansaço (cf. *Lc 15, 4-7*). Ou talvez nos tenhamos perdido como uma moeda, que porventura caiu no chão e já não pode ser encontrada, ou talvez alguém a tenha posto algures e não se lembre onde. Ou talvez nos tenhamos perdido como os dois filhos deste pai: o mais novo, porque se cansou de estar numa relação que parecia demasiado exigente;

mas até o mais velho se perdeu, pois não basta ficar em casa se no coração houver orgulho e rancor.

O amor é sempre um compromisso, há sempre algo que devemos perder para ir ao encontro do outro. Mas o filho mais novo da parábola só pensa em si próprio, como acontece em certas fases da infância e da adolescência. Na realidade, ao nosso redor vemos até muitos adultos assim, que não conseguem levar adiante uma relação porque são egoístas. Têm a ilusão de se reencontrar a si mesmos, mas ao contrário perdem-se, pois só quando vivemos para alguém vivemos verdadeiramente.

Este filho mais novo, como todos nós, tem fome de afeto, quer ser amado. Mas o amor é um dom precioso, deve ser tratado com cuidado. No entanto, ele desperdiça-o, vende-se a si próprio, não se respeita. Compreende isto em tempos de carestia, quando ninguém se preocupa com ele. O risco é que, nestes momentos, imploremos afeto e nos apeguemos ao primeiro senhor que aparecer.

São estas experiências que fazem nascer em nós a convicção deturpada de que só podemos estar numa relação como servos, como se tivéssemos que expiar uma culpa ou como se não pudesse existir o amor verdadeiro. Com efeito, quando toca o fundo do poço, o filho mais novo pensa em voltar para a casa do pai, a fim de recolher do chão algumas migalhas de afeto.

Só quem nos ama verdadeiramente pode libertar-nos desta falsa visão do amor. Na relação com Deus, fazemos precisamente esta experiência. Num célebre quadro, o grande pintor Rembrandt retratou maravilhosamente o regresso do filho pródigo. Há sobretudo dois pormenores que me chamam a atenção: a cabeça do jovem está rapada, como a de um penitente, mas parece também a cabeça de uma criança, porque este filho renasce. E depois as mãos do pai: uma masculina e outra feminina, para descrever a força e a ternura no abraço do perdão.

Mas é o filho mais velho que representa aqueles para quem a parábola é contada: é o filho que sempre ficou em casa com o pai, e que, no entanto, estava distante dele, longe do coração. Talvez até este filho quisesse partir, mas por medo ou por dever permaneceu lá, naquela relação. Contudo,

quando nos adaptamos de má vontade, começamos a alimentar a raiva dentro de nós e, mais cedo ou mais tarde, esta raiva explode. De modo paradoxal, é precisamente o filho mais velho que acaba por correr o risco de permanecer fora de casa, pois não partilha a alegria do pai.

O pai vai também ao seu encontro. Não o repreende, nem o chama ao dever. Só quer que ele sinta o seu amor. Convida-o a entrar e deixa a porta aberta. Aquela porta permanece aberta também para nós. Com efeito, esta é a razão da esperança: podemos esperar, pois sabemos que o Pai nos espera, nos vê de longe e deixa sempre a porta aberta.

Amados irmãos e irmãs, perguntemo-nos então onde nos encontramos nesta maravilhosa narração. E peçamos a Deus Pai a graça de poder, também nós, encontrar o caminho de volta para casa.